

Série: UNS DOS OUTROS

IX. “CONFESSAI OS VOSSOS PECADOS UNS AOS OUTROS” (Tg 5.16)

Este texto nos fala da necessidade de confessarmos os nossos pecados uns aos outros, isto é, reconhecermos as nossas fraquezas e erros uns perante os outros a fim de que possamos receber ajuda através de aconselhamento e oração. Deixemos que a este respeito nos fale o Pastor Ray Stedmann, de cujo livro “A Igreja, Corpo Vivo de Cristo” transcrevemos o seguinte (ps. 109-111):

Não tente manter as aparências.

“Confessar as faltas significa admitir fraquezas e reconhecer fracassos [...]. Muitas vezes é difícil levar um cristão a fazer isto, apesar da clara orientação da Palavra [...]. Muitos pensam que serão rejeitados pelos outros se admitirem qualquer falta [...].

“Nada poderia ser mais destrutivo para a *koinonia* cristã do que o costume de se fazer de conta que não se tem problema algum. Os lares cristãos, às vezes, estão cheios de briga, discussões, acessos de raiva e até ataques corporais, mas nenhum dos membros da família deixa escapar sequer uma palavra sobre o que está acontecendo. Mantém-se a aparência de que esta é uma família cristã ideal, sem problemas sérios. Para piorar a situação, este tipo de conspiração do silêncio é tido como uma atitude crista correta; a hipocrisia que a mesma envolve é vista como uma parte do ‘testemunho’ diante do mundo.

Confesse, admita, peça conselhos e oração.

“Como seria útil se um dos membros da família (de preferência o pai) admitisse honestamente, numa reunião cristã, que sua família está passando por dificuldades e que ela precisa de oração e conselhos. Este membro da família haveria de descobrir imediatamente pelo menos duas coisas: (1) que todos os outros cristãos do grupo se identificam com o seu problema e o têm em maior estima do que nunca, por causa de sua sinceridade e franqueza; e (2) uma profusão de conselhos úteis lhe seria dada por aqueles que já passaram por problemas semelhantes e aprenderam valiosas lições. E mais, as orações dos cristãos dispostos a ajudá-lo a carregar seu fardo liberariam um grande poder

espiritual, de modo que os membros da família seriam capazes de ver mais claramente as questões a serem resolvidas e de suportar com mais paciência e amor as fraquezas uns dos outros. O próprio versículo que nos admoesta a confessar as faltas, em Tiago, diz logo em seguida: 'Muito pode, por sua eficácia, a súplica do justo'.

Antes que os problemas se agravem.

“Quando esse tipo de compartilhamento e ajuda ocorrem numa igreja, os pastores e presbíteros são aliviados da sobrecarga de aconselhamento que geralmente têm de fazer. Muitos problemas emocionais e até mentais são resolvidos logo no início através do amor e interesse genuínos de outros cristãos, sem chegar às complicações que, então, requerem longas horas de tratamento.

Assuntos íntimos.

“É certo que existem certos assuntos íntimos e escandalosos que não deveriam ser mencionados numa reunião pública. Alguns tipos de compartilhamento deveriam ocorrer em particular entre dois ou três indivíduos de confiança e maduros em seu julgamento da situação. Mas nenhum cristão deveria carregar sozinho um fardo pesado. Os que têm o dom do encorajamento (exortação ou consolação) devem estar à disposição para esse ministério; os irmãos que retraídos e abatidos precisam ser delicadamente encorajados a falar sobre o que os está entristecendo. Um ouvido atento e um coração compreensivo são, às vezes, o maior dom que um cristão pode proporcionar a outro”.